

*Rimance
da Infância*
e outros poemas

DIMAS MACEDO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br

www.editorapenalux.com.br

CURADORIA: Diego Mendes Sousa

REVISÃO: Altair Maria Sousa Marinho

PROJETO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Talita Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M141r MACEDO, Dimas.

Rimance da Infância e Outros Poemas / Guaratinguetá, SP: Penalux, 2020.

68 p.: 21 cm. / 60 exemplares

ISBN: 978-85-5833-625-3

1. Poesia I. Título

CDD B869.1

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Proêmio

Este livro contém nonadas de poemas, ninharias ou mônadas guardadas em um cofre. Nem tanto é um caderno. Um inferno de riscos e de traços, pois nada se sustenta em suas páginas, nem as andorinhas da infância nem o conúbio das águas de um rio.

Um *ménage* que me prende aos textos que vou deletando, quando penso em publicar estes poemas-ganchos. Eles não têm carnura nem desejos. Despejam-se na lama ou suicidam-se nos ossos da linguagem.

Sinceramente, este livrinho não tasca. São lascas de lenha na fogueira. São conselhos de amigos para preservar o verbo que deploro. Digo o que penso e rasgo meus poemas, destruindo aquilo que não gosto.

Os textos mais insanos, eu rejeito, assim como os traci-nhos de nada que reúno. Cena de *dogging* é o poema. E coito de voyeurismo é a leitura. Uma coisa, o desenho da forma; outra coisa, o sentido do texto.

Apenas por *bondage* este livro perdura, pois não tem ossatura nem forma. Existe tão somente uma letra. Um

caderninho sem jeito. Um pãozinho mofado, este livrinho: meio sem nexo, meio sem cordura.

Rimance é um livro de fala provisória, pois não existe harmonia nos seus textos. São poemas, ao certo, dissonantes e pontilhados de rimas imperfeitas e de imprecisões e versos de menor alcance, que valem o mico que estou pagando.

São gralhas, talvez, estes poemas. E que não venham os críticos dizerem que o livro não irá ao fogo. Lembra-me, de passagem, que *Rimance* é uma casa de telhado malfeito, cujas paredes foram levadas pelo vento.

Dirão os leitores, tanto mais, que eu estou poupando este livrinho venal e abjeto, e que o seu destino é a coxia, porque coxo e desarrazoado é o seu alfabeto, todo ele sem beira nem assonância.

Mundo malvado o que persegue o poeta, mundo de sacrifícios e de facas. Mundo sem mundo, punhal velho e sem alça. E eis o que preciso: uma calça para encobrir o sexo, e um amplexo com Ferreira Gullar e Cecília, João Cabral e Bandeira.

Lixo, porque o lixo da Arte é o leitor quem ganha, quando decido publicar um livro, uma garapa de água sem açúcar, porque eu olho e vejo aquilo que não presta e que é um ninho de ratos na língua.

Ai que preguiça, meu Deus, ai que coisinha sem graça é ser poeta! Coisinha sem futuro é o poema. Homero não previu a existência de Dante, e Dante provou que Goethe inexistia. E nem Yeats moveu uma palha para ser o cavaleiro errante de uma língua.

Morro à míngua e não falo aquilo que desejo. Literatura é sangue, e o meu sangue está escorrendo na sarjeta. A

semente da morte cantando em minha alma, e toda a sinfonia do mundo no ouvido. E eu sentindo a existência perdida na varanda, e a varanda boiando nas águas de um rio.

Nasci poeta, quem sabe? Cresci poeta e não vejo. Luto com a luta de um texto e sempre estou errado, pois o poema me suga, o poema me morde, o poema me mata e rouba minha vida.

Poema é osso, meus amigos; poema é sangue que refuga a vida que não vige. Poema é elixir para vermes, fermento para traças e papel velho que não queima. E a poesia é taxa de miséria que não vale a pena.

Dimas Macedo

Fortaleza, inverno de 2019



Rimance da Infância

Quatorze de setembro:
a data em que nasci,
mas creio que morri
em 14 de setembro.

A hora eu não me lembro
(foi uma sexta-feira),
mas sei que a parteira
chamava-se Mãe Diva.

Meu pai, Seu Zito Lobo;
mamãe, Dona Eliete,
vizinha de Suzete
e irmã de Edilson Lobo.

Eu tive por padrinho,
o Padre Alzir Sampaio,
que a cada mês de maio,
rezava a Ladainha.

A Professora Lourdes
se quis minha madrinha,
depois, quando convinha,
me dava uma camisa.

A data do batismo:
18 de setembro:
Jesus, se bem me lembro,
estava do meu lado.

A minha Eucaristia
foi feita em noite alva,
e a Professora d'Alva
me disse o Catecismo.

O Crisma e a Unção,
no tempo mais exato,
por Dom Vicente Mattos:
eis minha confissão.

Meu tio Wilson Lobo
era nosso vizinho,
e irmão do meu padrinho
de nome Joary.

Não sei se disse aqui,
eu tinha uma dormência,
e com muita paciência,
sofria as minhas dores.

Mamãe, na sua lida,
com água na fervura,
fazia uma costura
por sobre a nossa vida.

No Sítio dos Coqueiros,
meu pai tirava o leite,
e mamãe com seu leite,
cozia os alimentos.

Lavava a nossa roupa
Maria de Leandro:
no Rio, em seus meandros,
na pedra ela batia.

Nas festas da Paróquia,
na data mais sagrada,
a roupa era engomada
por Dona Idezuíte.

Na luta da cozinha,
Genésia de Biário
relia o seu diário
nas rodas do moinho.

Também na nossa casa,
eu vi a Margarida
tão pobre e desvalida
fazendo o seu serviço.

Na esquina, Seu Nequin
cozia o pão de trigo,
e se dizia amigo
dos versos do soneto.

e me exorcizar
de pesados tormentos e aflições
e me dizer:
ou serás a ruptura do ácido
ou não será a poeira dos caminhos
ou não terás o carinho
e a compreensão do desespero do mundo
porque o mundo é mágico,
Eleutheria,
e eu sou apenas um poeta
de olhos azuis e exóticos
Sou apenas o sonho
e no sonho me consinto
a travessia do corpo
e as pulsações e a essência da vida
e o sentido de cada descoberta

Barroca Funda, 07/07/1991